
Whitman, Walt. *Sobre Folhas de Relva*. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005.

Walt Whitman merece a honra de uma nova tradução de *Leaves of Grass / Folhas de Relva*, que a Iluminuras lançou no final de 2005². Ainda mais considerando que o grande poeta nunca recebeu a devida atenção dos tradutores ou

poetas brasileiros. Há uma edição, *Folhas das Folhas de Relva*, trechos da obra traduzidos por Geir Campos, pela Brasiliense, reeditado em 2002; há uma publicação feita pela UnB, uma seleção de poemas traduzidos por Ramsés Ramos; e uma outra da Imago/Alumni, uma tradução literal da “Canção de Mim Mesmo”, de André Cardoso. Além de uma edição popular da Martin Claret do texto integral das *Folhas*. Em resumo, muito pouco

para quem é considerado – por exemplo, por Harold Bloom – o maior poeta norte-americano.

Embora aclamado em nossa língua por escritores do porte de Gilberto Freyre, – que fez uma conferência em 1947 no Rio de Janeiro intitulada “O Camarada Whitman”, a quem Freyre chamou de “homem-orquestra”, pela temática abrangente e democrática de sua poesia –, e Fernando Pessoa, – que escreveu “Saudação a Walt Whitman” em 1915, através de Álvaro de Campos, onde declara todo seu amor cósmico a Walt –, ele ainda não tinha uma edição mais consistente em português.

Felizmente, temos agora uma edição mais caprichosa. Ela contém tudo da edição original de 1855 (é uma edição bilíngüe): a imagem de Whitman que figurou no frontispício da primeira edição, com chapéu e camisa aberta no peito (gravura em metal trabalhada por Samuel Hollyer sobre um daguerreótipo de 1854 por Gabriel Harrison), e que se tornou famosa pelo magnetismo dos olhos e pela boca sensual, e por ser a única indicação visível do autor do livro, pois seu nome apareceria apenas lá pela metade do poema “Canção de Mim Mesmo”: “Walt Whitman, an American, one of the

roughs, a kosmos,” (pg. 76 da presente edição); o prefácio, escrito pelo próprio Whitman, que se tornou um dos documentos mais importantes da Literatura Moderna e da crítica Norte-Americana, e os doze poemas originais, com maior destaque para *Canção de Mim Mesmo*. Este livro traz ainda notas finais aos poemas, o posfácio e boa bibliografia sobre o autor.

O posfácio é bastante informativo. Fornece dados sobre a situação histórica, política, econômica, social e literária do século dezenove nos Estados Unidos, e conta com uma seção chamada “Procedimentos Básicos”, que elucida a metodologia da escrita do original whitmaniano.

A descrição histórica do posfácio é muito importante porque nos dá uma visão abrangente dos Estados Unidos da época, e nos mostra claramente a razão pela qual Whitman, na década de 1840, foi aos poucos se distanciando do jornalismo e atuação políticos e se dirigindo para um meio de expressão mais condizente com seu espírito de união nacional.

Pois ele não só foi editor político dos grandes jornais de Nova York; também teve efetiva atuação política nos partidos dos quais participou, o Democrático e de-

pois o novo Partido Republicano. Em resumo, os anos entre 1845 e 1856 foram o período de maior corrupção política nos níveis municipal, estadual e federal da História dos Estados Unidos. O que levou, por exemplo, políticos do Norte, abolicionistas, a apoiar candidatos do Sul escravocrata à presidência da República (Zachary Taylor, um escravagista, assumiu a presidência em 1849).

Esse cenário empurrou Whitman para fora da política e para dentro da poesia, que ele entendia ser o único meio de manter a união de seu país, pois ela poderia unir brancos, índios, negros e imigrantes de todos os matizes num só ideal de igualdade e democracia, com a qual ele convivia diretamente junto às pessoas pelas ruas do Brooklyn e Nova York.

Com a publicação em 1855 de *Folhas de Relva*, e de suas edições subseqüentes, ele lançava seu “bárbaro alarido pelos tetos do mundo” (pg.128), para tentar fazer “um continente indissolúvel”, através de um “amor duradouro”, que ligasse indivíduo a indivíduo, cidade a cidade, e que não precisasse de uma guerra para isso.

Infelizmente, sua obra teve pouco acolhimento do público, e a união do país não se daria demo-

craticamente, e o próprio poeta sentiria isso literalmente na pele, quando eclodiu a Guerra Civil (1861-1865), na qual seu irmão George batalhou e na qual ele se envolveu como enfermeiro voluntário nos improvisados hospitais da capital Washington, doando todo dinheiro que ganhava para os soldados amontoados em tendas geladas, além de dar-lhes apoio afetivo e escrever cartas para as famílias, dando boas e más notícias.

Este contato direto com os feridos de guerra produziu reverberações no poeta. Uma delas foi o livro *Drum-Taps (Repiques de Tam-bor)*, que contém os poemas que foram escritos a partir do convívio e das anotações diárias no ambiente hospitalar e a preocupação com o irmão (que conseguiu sobreviver à guerra, e ainda ter uma carreira de promoções pela sua bravura). Mas a pior parte somente veio á tona no fim de sua vida.

Na página 291 vemos que, quando Whitman faleceu, “Na autópsia, [...] os médicos descobriram que, além de pneumonia, Whitman tinha tuberculose, nefrite, esteatose hepática, pedra no rim, cisto adrenal, abscessos tuberculares e paquimeningite.”, e que “Os médicos ficaram surpresos com o fato de ter sobrevi-

vido a elas [as doenças], por tantos anos.” A prova deste vigor está no fato de que “[...] em 1891 [Whitman] reuniu forças para escrever e organizar o livro *Good Bye, My Fancy*, além de preparar a edição final de *Folhas de Relva*.” É admirável que o poeta tenha morrido aos 73 anos em 1892, já que estava inválido há vários

anos, vivendo de doações de amigos, e que tenha produzido tanto até o fim. Apenas a saúde férrea de seus tempos de juventude, o corpo saudável tantas vezes cantado, para explicar essa resistência e lucidez. Esta homenagem é muito bem vinda, e chega em muito boa hora em nosso país.

Gentil Saraiva Jr.
UFRGS